

Razão e Fé em Edith Stein.

Reason and Faith in Edith Stein.

Gabriel Henrique Ribeiro de Carvalho¹

Resumo:

O presente estudo analisa a articulação entre razão e fé no pensamento de Edith Stein (1891–1942), filósofa do século XX reconhecida por integrar essas duas dimensões fundamentais para a filosofia e a experiência humana. A questão central investigada é: como Stein compreende a relação entre razão e fé e quais implicações essa visão apresenta para a filosofia contemporânea? Para abordar essa questão, a pesquisa fundamenta-se em análise bibliográfica e revisão crítica de comentadores. A investigação das principais obras da autora evidencia que, embora a razão seja entendida como via essencial de acesso à verdade, apenas a fé possibilita uma compreensão plena do mistério da existência humana. Os resultados indicam que sua proposta não rompe com a racionalidade, mas a amplia, integrando-a à dimensão espiritual. Conclui-se que o pensamento de Stein conserva relevante atualidade, especialmente diante dos debates contemporâneos entre ciência, filosofia e religião.

Palavras-chave: Metafísica; Fenomenologia; Filosofia Contemporânea.

Abstract:

This study analyzes the interplay between reason and faith in the thought of Edith Stein (1891–1942), a twentieth-century philosopher recognized for integrating these two fundamental dimensions of philosophy and human experience. The central question investigated is: how does Stein understand the relationship between reason and faith, and what implications does this perspective have for contemporary philosophy? To address this question, the research is based on a bibliographic analysis and a critical review of commentators. Examination of the author's main works shows that, while reason is understood as an essential path to truth, only faith allows for a full comprehension of the mystery of human existence. The results indicate that her proposal does not break with rationality but expands it, integrating it with the spiritual

¹ Orientador: Dr Ivanir Signorini. Instituição: Assunção. Graduação em Filosofia.

dimension. It is concluded that Stein's thought remains highly relevant, especially in light of contemporary debates between science, philosophy, and religion.

Keywords: Metaphysics; Phenomenology; Contemporary Philosophy.

Introdução:

A razão e a fé constituem elementos centrais do pensamento filosófico, especialmente em um contexto contemporâneo marcado por avanços científicos e tecnológicos que frequentemente as apresentam como realidades opostas. Diversos filósofos, entretanto, buscaram compreender de que maneira essas duas dimensões poderiam dialogar e se complementar. Nesse contexto, Edith Stein (1891–1942) oferece uma contribuição singular ao propor uma síntese capaz de articular racionalidade e transcendência.

Este trabalho examina a forma como Edith Stein compreende a relação entre razão e fé, mostrando como sua reflexão amplia os limites da racionalidade sem negá-la, integrando-a à dimensão espiritual. A análise concentra-se em obras centrais da autora, como *Ser finito e ser eterno* e *A ciência da cruz*, e se apoia em revisão bibliográfica e comentário crítico de estudiosos sobre sua obra.

Em Stein, razão e fé não se apresentam como opostas, mas como dimensões complementares na busca pela verdade. O texto está organizado em etapas: inicialmente, apresenta-se a formação filosófica e a trajetória espiritual da autora; em seguida, discute-se o método fenomenológico como instrumento fundamental de sua reflexão; depois, examina-se sua concepção de pessoa humana e de dimensão espiritual; por fim, analisa-se a articulação entre razão e fé à luz de sua obra filosófica e espiritual.

Edith Stein: vida e formação filosófica

Edith Stein nasceu em 1891, em Breslávia, no seio de uma família judaica. Desde a infância demonstrou grande inteligência e dedicação aos estudos. Em 1911 ingressou na Universidade de Breslau, onde cursou psicologia, história, filosofia e língua alemã. No entanto, não encontrou na psicologia de sua época as respostas que buscava acerca da condição humana, qualificando-a como uma “psicologia sem alma”. A partir disso, voltou-se para a filosofia, aproximando-se da fenomenologia, uma nova corrente que surgia naquele período. Seu

primeiro contato com essa escola ocorreu por meio da leitura das *Investigações Lógicas*, obra de Edmund Husserl (1859–1938), considerado o fundador da fenomenologia. Husserl tornou-se seu mestre e orientador de doutorado, no qual Stein defendeu, em 1916, a tese *sobre o problema da empatia*. Posteriormente, atuou como sua assistente. A fenomenologia, desde então, constituiu a base de sua reflexão filosófica e de sua produção intelectual.

Todos os meus estudos de psicologia me tinham convencido apenas de que essa ciência estava nos primeiros balbucios; faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos. Ao contrário, se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque nesse campo se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que necessitava (STEIN, 2018, p. 277).

Em 1917, Edith Stein teve seu primeiro contato com a cruz diante da morte de seu amigo Adolf Reinach. Ao visitar sua esposa, Anna, Stein esperava encontrá-la profundamente abatida pela dor da perda. No entanto, para sua surpresa, encontrou-a serena e fortalecida diante daquela provação, sustentada pela fé na cruz de Cristo. Esse acontecimento marcou o início da abertura interior de Stein à fé cristã, que mais tarde culminaria em sua conversão.

Edith Stein atravessou um período de crise existencial, marcado por um estado próximo da depressão, decorrente tanto de suas inquietações pessoais quanto das exigências intelectuais envolvidas na redação de sua tese de doutorado. Em suas recordações autobiográficas, relata que experimentava a sensação de como se o sol houvesse deixado de brilhar para ela. Esse quadro, contudo, sofreu uma reviravolta durante o festival anual de música bachiana, quando, ao ouvir o hino de Lutero, descreveu ter sentido como se as forças que a oprimiam se dissipassem. Esse episódio lhe devolveu ânimo e vigor interior, permitindo-lhe retomar o curso de seus afazeres.

Em continuidade a esse processo, durante sua estadia na residência de Hedwig Conrad-Martius, Stein encontrou um espaço propício tanto para o recolhimento quanto para o cultivo da vida intelectual. As tarefas cotidianas, como a colaboração nos trabalhos do jardim, alternavam-se com momentos de estudo filosófico realizado em conjunto com os membros da casa. Foi nesse contexto que, em uma de suas leituras noturnas, deparou-se com a obra *Vida*, de Santa Teresa de Ávila. A leitura desse testemunho autobiográfico representou um marco decisivo em sua trajetória espiritual, conduzindo-a à convicção da fé católica e ao desejo do

batismo. Tal decisão, no entanto, não encontrou aceitação imediata por parte de sua família, gerando tensões que acompanharam sua experiência de conversão.

Em 1 de Janeiro de 1922 recebeu o seu batismo na Igreja de São Martinho, tendo como madrinha sua amiga Hedwig, que teve uma autorização especial do bispo da época. Após a seu batismo e conversão ao cristianismo, sentiu o chamado de ir para o Carmelo, no primeiro momento não lhe foi concedido essa graça, por suas contribuições filosóficas para a mundo secular, os superiores achavam que ela poderia contribuir mais com a sociedade fora do que dentro do convento. Depois de alguns anos finalmente obteve a autorização para entrar no Carmelo Descalço, ingressando no dia 14 de outubro de 1933 em colônia Alemanha, recebendo o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz.

Após algum tempo no Carmelo, Edith Stein obteve permissão para dar continuidade à sua produção intelectual. Nesse período, elaborou sua obra mais significativa, *Ser finito e ser eterno*, em que procurou integrar a tradição filosófica tomista com os aportes da fenomenologia husserliana. Iniciou também a redação de *A ciência da cruz*, reflexão teológica de grande densidade espiritual, mas que permaneceu inacabada em razão das circunstâncias históricas. Em 2 de agosto de 1942, devido à intensificação da perseguição nazista contra os judeus convertidos ao cristianismo, foi obrigada a deixar o Carmelo de Echt, sendo deportada para o campo de concentração de Auschwitz, onde morreu na câmara de gás em 9 de agosto do mesmo ano.

Essa formação inicial, marcada pela busca pela verdade, foi essencial para que Stein desenvolvesse sua filosofia centrada no ser humano como unidade de corpo, alma e espírito. A experiência de sua conversão ao cristianismo e sua entrada no Carmelo também exerceram papel decisivo em sua reflexão. Sua trajetória, fornece as bases para compreender como ela integra razão e fé, aspecto que será explorado ao longo deste trabalho.

Método fenomenológico

A filosofia de Edith Stein desenvolve-se na corrente fenomenológica fundada por Husserl, cujo método propõe que o filósofo retorne às “coisas mesmas” (*Zu den Sachen selbst*), abandonando teorias pré-existentes e observando a realidade em sua essência. Dois conceitos centrais desse método são a *Epoché*, que suspende o juízo, e a Redução fenomenológica, que permite ao pesquisador deixar de lado intuições e preconceitos, a fim de observar o objeto de estudo em sua profundidade e alcançar a verdade.

A fenomenologia é uma “lupa que foca nas ‘coisas mesmas’ [zu den Sachen selbst]”, sem interesse por teorias ou interpretações prontas que já possuam o que afirmar sobre os fenômenos. Pelo contrário, ela busca deixar de lado tudo o que já foi anteriormente pensado, fazendo uso da intuição imediata, do olhar livre e da proximidade com as coisas. É necessário libertar-se das pressuposições e considerar como nulo tudo o que não está apoditicamente demonstrado (MORAES; GOTO, 2015; KOLAKOWSKI, 1983; STEIN, 2018a, *apud* MENDES, 2024, p. 43).

Stein utilizou esse método para investigar a natureza humana e o fenômeno da fé de maneira inovadora. A *Epoché* liberava-a de pressupostos e expectativas culturais ou religiosas, enquanto a Redução fenomenológica possibilitava examinar as experiências em seu núcleo mais profundo, de forma objetiva. Diferentemente de Husserl, que adotava uma abordagem mais ampla, Stein aplicou a fenomenologia para revelar aspectos essenciais da pessoa, como consciência, liberdade e intencionalidade.

Para Stein, a pessoa é um ser dotado de autoconsciência e transcendência, no qual a fé não se opõe à razão, mas integra a totalidade da experiência humana. A fé, segundo sua perspectiva fenomenológica, é uma experiência direta e pessoal, cuja autenticidade pode ser investigada sem reduzi-la a algo meramente subjetivo ou irracional. Ela compreende a fé como uma “intenção” ou direcionamento da consciência para o divino e para a verdade última, envolvendo uma intuição racional sobre a realidade que transcende a mera percepção sensorial.

Assim, a fenomenologia abriu para Stein uma via filosófica capaz de conciliar razão e fé dentro da própria experiência humana. Sua formação ao lado de Husserl estimulou-a a buscar a verdade sem se limitar aos conceitos acadêmicos, abrindo espaço para a transcendência, abertura que culminou em sua conversão ao cristianismo, compreendida não como negação da racionalidade, mas como sua plenitude. Nesse horizonte, Stein passou a adotar o método fenomenológico não apenas como exercício teórico, mas como instrumento para compreender a pessoa humana e a experiência da fé em sua totalidade. Diferentemente de Husserl, que mantinha uma abordagem mais ampla, Stein aplicou a fenomenologia ao estudo da estrutura da pessoa, articulando razão e transcendência, o que prepara o caminho para a análise de sua antropologia filosófica, desenvolvida na seção seguinte.

Estrutura da pessoa humana

O método fenomenológico de Husserl proporcionou a Edith Stein os instrumentos conceituais necessários para desenvolver sua concepção da pessoa humana e de sua estrutura — corpo, alma e espírito. Em sua investigação, Stein percebeu que os recursos disponíveis até então não eram suficientes para responder plenamente aos seus questionamentos sobre a essência do ser humano. Embora esses apontamentos já tivessem sido realizados em sua tese de doutorado, somente em sua obra *A Estrutura da Pessoa Humana* eles foram tratados de forma mais sistemática e detalhada, permitindo uma compreensão clara e articulada da unidade integral do ser humano.

Como destacam Moraes e Goto (2015b, *apud* Mendes, 2024, p. 54),

A fenomenologia da pessoa humana elaborada por Stein é resultado de uma preocupação filosófica e histórica, sobretudo no que diz respeito à formação humana. A filósofa não encontrava definições suficientes, seguras e explicativas que dissessem quem é aquele ser chamado ‘humano’, ‘pessoa’, que está em processo de formação e, aliás, como acontece o processo formativo e como deve ser conduzido.

Essa reflexão evidencia a relevância do método fenomenológico para esclarecer conceitos fundamentais sobre a constituição e o desenvolvimento da pessoa.

Para compreender plenamente o ser humano, Edith Stein identifica três dimensões constitutivas que, embora distintas, articulam-se de forma inseparável: corpo, alma e espírito. O corpo representa a dimensão física e sensível, mediante a qual o ser humano interage com o mundo externo e realiza suas atividades no espaço e no tempo. Longe de ser algo secundário, o corpo integra a identidade da pessoa, constituindo o lugar onde se enraíza a experiência concreta da existência.

A alma, por sua vez, designa a dimensão psíquica e afetiva, responsável pela organização da vida interior e pela mediação entre corpo e espírito. Nela residem as emoções, os impulsos e a personalidade, que conferem ao indivíduo sua singularidade na forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com Deus. Trata-se de uma dimensão fundamental para a abertura à fé, já que envolve a intuição e a receptividade ao transcendente.

O espírito, por fim, corresponde à instância mais elevada da pessoa, ligada à racionalidade, à liberdade e à capacidade de transcendência. É nele que se enraíza a busca pela verdade, a reflexão ética e a possibilidade de relação autêntica com o divino. Para Stein, o espírito constitui o polo integrador da existência, conferindo unidade às demais dimensões e

fundamentando a dignidade da pessoa humana (STEIN, 1932-33/2007). Como observa Oliveira e Antúñez (2017, p. 132), “as três dimensões não existem de forma isolada, mas se entrelaçam e se interpenetram, configurando o humano como um ser psicofísico e espiritual”.

Dimensão espiritual

A dimensão espiritual constitui o ponto central da reflexão de Edith Stein sobre o ser humano, sendo nela que se encontram o centro da racionalidade, a liberdade, de abertura que o permite vincula-se ao transcendente². Diferentemente das dimensões do corpo e da alma, que se relacionam principalmente com o físico e o psíquico, o espírito confere à pessoa sua singularidade e eleva sua experiência para além do mundo sensível. É justamente essa dimensão que diferencia o ser humano de qualquer animal, como, por exemplo, o pavão, que possui vida orgânica e manifestações sensíveis, mas não apresenta a capacidade de reflexão, escolha moral ou busca do transcendente que caracteriza o espírito humano.

Segundo Stein, o espírito não pode ser reduzido à mera racionalidade abstrata ou à capacidade intelectual de raciocinar logicamente. Ele é, antes, a instância do ser humano que possibilita tanto a reflexão quanto a tomada de decisões existenciais, expressando-se na busca da verdade e na responsabilidade moral. É pelo espírito que a pessoa se percebe como livre, consciente e capaz de orientar sua vida a partir de valores. Como afirma Stein, “Todo homem é livre em sua qualidade de pessoa espiritual” (Stein, 1932/2002a, p.154). Essa liberdade espiritual, por sua vez, não é arbitrária, mas se enraíza na capacidade de discernimento e na abertura àquilo que transcende o imediato.

A dimensão espiritual também se revela no modo como a pessoa se relaciona com a fé. Para Stein, a fé não é um mero sentimento subjetivo ou irracional, mas um ato espiritual que envolve a totalidade da pessoa. Trata-se de uma experiência que integra a racionalidade, elevando-a a uma esfera superior de conhecimento, na qual a verdade última se manifesta não apenas como objeto de reflexão, mas como encontro pessoal. Nesse sentido, o espírito é o lugar em que razão e fé se encontram, sem oposição ou ruptura, mas em complementaridade.

Além disso, Stein compreende o espírito como a sede da dignidade humana, justamente por ser nele que se enraíza a capacidade de transcendência. É o espírito que torna possível ao ser humano compreender a si mesmo, refletir sobre sua existência e se relacionar livremente

² Lucas, MENDES, o sofrimento humano: uma compreensão a partir da fenomenologia de Edith Stein, 2024, p. 90

com Deus. Através do espírito, a pessoa participa de uma dimensão que não se esgota no tempo e no espaço, mas que aponta para uma vocação eterna. Essa perspectiva oferece não apenas uma antropologia integral, mas também uma visão formativa, que considera a pessoa em sua totalidade e orienta sua abertura ao transcendente.

Portanto, a análise da dimensão espiritual em Stein evidencia que a pessoa humana não pode ser entendida de modo reducionista, seja pela via puramente biológica, seja pela psicológica. O espírito integra a estrutura da pessoa como sua instância mais elevada, articulando racionalidade, liberdade e fé em uma unidade. Essa compreensão é fundamental para o projeto filosófico de Stein, pois permite reconhecer no ser humano um chamado que ultrapassa o finito, apontando para o transcendente como horizonte último de realização.

A compreensão da pessoa humana como ser integral evidencia que fé e razão não são dimensões opostas, mas aspectos de uma mesma busca pela verdade. Essa concepção será aprofundada na análise da dimensão espiritual, apresentada na sequência.

Razão e fé

Em Edith Stein, a razão e a fé não são opostas; pelo contrário, se complementam na busca pela verdade em sua plenitude. Ambas fazem parte da dimensão espiritual, que distingue o ser humano. Enquanto a razão oferece ferramentas para investigar a realidade, a fé amplia essa investigação, conduzindo a consciência a uma compreensão mais completa. Assim, percebe-se uma síntese entre os dois conceitos, mostrando que buscar a verdade não é apenas um exercício intelectual, mas envolve também a dimensão espiritual da experiência humana.

Para Stein, a fé representa uma abertura ao mistério da verdade última. Por meio dela, o ser humano adentra um conhecimento que vai além da razão, envolvendo toda a sua existência. A fé permite perceber uma realidade que supera o mensurável e o visível, oferecendo um contato com o transcendente. A razão não é descartada, mas fortalecida, pois a fé direciona a investigação para uma compreensão mais ampla e profunda da realidade.

Stein argumenta que a fé é essencial à vida humana, pois responde a uma busca natural pelo sentido da existência. Ela não apenas preenche limites da razão, mas a eleva, permitindo o acesso a uma dimensão da realidade que não pode ser totalmente captada por métodos intelectuais ou científicos. A fé é, portanto, um caminho legítimo para chegar à verdade, respeitando a estrutura racional da pessoa e conduzindo-a a uma compreensão mais completa.

A experiência da verdade, para Stein, vai além do conhecimento intelectual e se insere na vida e na espiritualidade. Buscar a verdade envolve razão e fé, caracterizando-se por um profundo desejo de compreender e por abertura ao mistério da realidade. A verdade última não se reduz a conceitos ou explicações racionais, surgindo em um nível que vai além da lógica e da análise. Assim, a experiência da verdade se torna um encontro pessoal e transformador com o divino, presente na vida cotidiana e nas relações com os outros.

A abertura ao mistério é central na abordagem de Stein. Ela reconhece que a realidade tem camadas que não podem ser totalmente compreendidas pela razão. Influenciada pela fenomenologia, enfatiza a importância de voltar às “coisas mesmas” e entender a experiência vivida. No entanto, diante do mistério da existência, o intelecto precisa reconhecer suas limitações e aceitar que fé e razão devem caminhar juntas. Essa abertura ao transcendente não significa abandonar a razão, mas ampliar o horizonte de compreensão, permitindo que razão e fé coexistam e se reforcem mutuamente.

Ser finito e ser eterno

A obra *Ser Finito e Ser Eterno*, concluída em 1936, já no período em que Edith Stein se encontrava no Carmelo Descalço, é considerada uma de suas produções mais importantes, marcada pelo amadurecimento de seu pensamento filosófico. Nela, a filósofa busca compreender o ser humano em suas duas dimensões fundamentais: por um lado, o ser finito, caracterizado pela contingência, limitação e historicidade; por outro, o ser aberto ao eterno, capaz de transcender a si mesmo e estabelecer uma relação com o transcendente.

O objetivo central dessa obra consiste em mostrar o papel da razão natural e da razão sobrenatural presentes na estrutura do ser humano, ambas orientadas para a busca da verdade. Nesse horizonte, a fé se apresenta como elemento indispensável para que o conhecimento alcance sua plenitude. Por isso, *Ser Finito e Ser Eterno* expressa de maneira exemplar a síntese steiniana, na qual o método fenomenológico, a teologia e a metafísica entram em diálogo, configurando uma proposta de filosofia cristã que integra razão e fé em uma unidade indissociável.

Se a busca da verdade é o objetivo da filosofia como tal, esse caminho chega a um ponto que não se pode ultrapassar, uma vez que a razão por si própria não é capaz de alcançar o objetivo final: 'O filósofo que não quer ser infiel ao seu intento de compreender o ente até suas últimas justificações vê-se obrigado, por sua fé, a propagar suas reflexões além do que lhe é compreensível naturalmente.' Usar, ou

tomar como 'hipóteses' de trabalho, sem nunca renunciar à razão, as verdades reveladas para assim prosseguir nessa busca da verdade, não implica renunciar à metodologia filosófica. [...] Levar em consideração a verdade revelada pode também contribuir para que o filósofo descubra novos trabalhos que lhe tiverem escapado se não os tivesse conhecido (STEIN, 2022, p. 19).

Após sua conversão, Stein passou a compreender sua filosofia como um espaço no qual fé e razão podem dialogar e se enriquecer mutuamente. Essa perspectiva encontra sua formulação mais madura em *Ser Finito e Ser Eterno*, no qual a filósofa articula uma metafísica que interpreta a realidade como mistério, ultrapassando a compreensão puramente racional sem negar, contudo, o valor da razão. Para ela, a filosofia não se limita à especulação abstrata, mas deve estar integrada à vida, de modo que o exercício racional conduza a um sentido existencial e espiritual mais profundo.

Edith Stein enxerga a fé e a razão como duas vias complementares que, longe de se oporem, convergem na busca pela verdade. Para ela, a verdade é uma unidade que abrange tanto o conhecimento racional quanto a experiência de fé, pois ambos partem da estrutura essencial da pessoa humana, que é naturalmente orientada para o conhecimento. Stein argumenta que o entendimento humano é limitado, mas a abertura à transcendência permite que a fé complemente a razão, orientando-a para realidades que escapam à mera lógica ou ao empirismo.

Ela acredita que a razão é uma capacidade essencial da pessoa humana que permite conhecer e compreender a realidade à sua volta. A razão possibilita o entendimento do mundo físico, das ciências e da lógica, fornecendo um meio para o desenvolvimento do conhecimento humano em sua dimensão objetiva. Na visão de Stein, a razão possui limites, mas esses limites não anulam seu papel crucial como meio para se aproximar da verdade. A razão, para Stein, é uma luz que guia o ser humano na investigação do mundo e no discernimento do bem e da verdade, sendo o exercício da racionalidade parte essencial da dignidade humana.

Contudo, a razão, por si só, não consegue abarcar a totalidade da realidade, pois há verdades e mistérios que ultrapassam suas capacidades analíticas. Stein reconhece que questões fundamentais sobre o sentido da vida, a existência de Deus e a origem última do ser exigem mais do que o raciocínio lógico pode oferecer. Por isso, a razão necessita abrir-se a outra via de conhecimento: a fé, que possibilita ao ser humano acessar dimensões da verdade inacessíveis pela racionalidade isolada. Ao propor essa integração, Stein apresenta uma alternativa ao dualismo entre ciência e religião, evidenciando que a busca pela verdade envolve tanto o exercício racional quanto a abertura ao mistério. Essa perspectiva, que sintetiza o núcleo de sua

proposta filosófica, conduz naturalmente às considerações finais deste estudo, nas quais se destacará sua relevância para o debate contemporâneo.

Considerações finais

A reflexão filosófica de Edith Stein revela uma busca contínua pela verdade e uma integração enriquecedora entre razão e fé. Por meio do método fenomenológico comparável a um “sítio arqueológico” que permite desvendar camadas da experiência humana, Stein analisou a pessoa em suas três dimensões constitutivas: corpo, alma e espírito. O núcleo dessa estrutura é a dimensão espiritual, espaço da liberdade, da vontade e da racionalidade. É nela que a razão encontra seu lugar, permitindo ao ser humano organizar o conhecimento e compreender o mundo; contudo, seus limites só podem ser superados pela fé, que se apresenta como complemento indispensável à razão natural, possibilitando o acesso pleno à verdade.

Essa perspectiva encontra eco na encíclica *Fides et Ratio*, de São João Paulo II, que afirma a complementaridade entre razão e fé na busca pela verdade. Stein realiza, assim, uma síntese original entre fenomenologia, teologia e metafísica, propondo uma abordagem em que ciência e religião, fé e razão, podem caminhar juntas. Em *Ser finito e ser eterno*, por exemplo, a filósofa harmoniza racionalidade humana e transcendência divina, mostrando que a fé não anula a razão, mas a completa e a orienta para um horizonte mais amplo.

A relevância de Stein para o pensamento contemporâneo reside em sua capacidade de superar a oposição tradicional entre fé e razão, oferecendo uma perspectiva integradora que ilumina tanto a filosofia quanto a teologia. Em um contexto marcado pelo secularismo e pelo ceticismo, sua proposta preserva o valor da racionalidade, ao mesmo tempo em que reconhece a abertura ao transcendente como dimensão constitutiva da experiência humana. Assim, a busca pela verdade não se reduz ao exercício racional, mas se amplia pela fé, que confere sentido e profundidade à investigação filosófica.

Essa visão mostra-se particularmente pertinente nos debates atuais sobre o sentido da vida e o diálogo entre ciência e espiritualidade. Stein demonstra que fé e pensamento crítico não apenas podem coexistir, mas se enriquecem mutuamente, pois a razão, ao reconhecer seus limites, abre-se à transcendência, ampliando a compreensão da realidade.

Conclui-se, portanto, que Edith Stein apresenta uma filosofia na qual fé e razão se articulam como dimensões interdependentes e complementares, essenciais para o conhecimento

pleno do ser humano e do sentido da existência. Ao integrar seu método fenomenológico à fé cristã, ela oferece respostas às questões mais profundas da condição humana e contribui de modo decisivo para o diálogo entre filosofia, teologia e ciência.

Referências Bibliográficas.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Coordenação João Ricardo Moderno; tradução Zaíra Célia Crepaldi. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução Maria do Carmo Venturini Wollny, Renato Kichner. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. **La estructura de la persona humana**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1932/2002a.

MENDES, Lucas. **O sofrimento humano: uma compreensão a partir da fenomenologia de Edith Stein**. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2024.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, A. L. de; ANTÚNEZ, A. E. **A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana**. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 6, n. 2, p. 124-144, 2017.